



PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO EM 2019

por Eni Elizabete Marques Ribeiro

O que esperar da educação do campo para o ano que vem com a eleição de Jair Bolsonaro como presidente do país e Romeu Zema governador do Estado de Minas Gerais?

De acordo com o que rege a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), é garantido às crianças do campo o direito à educação, com obrigatoriedade da oferta. No contexto camponês brasileiro, a escola é considerada uma modalidade obrigatória oferecida às crianças, aos adolescentes e até mesmo aos adultos, abrindo espaços para que aprendam as habilidades básicas de alfabetização, e para que convivam com a leitura e a escrita em todas as situações, de forma cada vez mais significativa, além de aprenderem técnicas e modalidades aplicadas no campo.

A atual conjuntura política vivida traz incertezas e impõe a professores, pais e alunos do campo uma reflexão sobre perspectivas educacionais no ano de 2019, principalmente na Educação do Campo. Afinal, ainda não há uma diretriz definida em relação às questões educacionais. Com o intuito de auxiliar nessa reflexão, a presente reportagem destaca alguns aspectos que podem trazer mudanças ou exigir atenção da comunidade escolar e acadêmica com interesse especial em contextos do campo.

Alguns pontos na condução da política educacional brasileira mineira têm sido objeto de intensa discussão, em especial com a mudança de governo. Os questionamentos surgem sobretudo, em relação à ampliação da EaD (Educação à distância) para ensino médio, bem como a reforma curricular. Alguns especialistas e membros de comunidades escolares consideram que essas ideias, postas em prática podem piorar a qualidade da proposta da educação do campo.

Em relação ao ensino à distância, Betina von Staa, responsável pelo CensoEad.Br da Associação Brasileira de Educação a Distância (Abed), declarou à Revista Educação que “no ensino médio, os alunos têm de estar juntos, na escola, aprendendo a dialogar. Iniciativas para estudar de casa só devem ser cogitadas em casos de necessidade absoluta e para alunos mais velhos, do EJA (educação de jovens e adultos)”. Para o coordenador da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, Daniel Cara, conforme declaração dada em entrevista ao portal da CUT, “a EaD não cabe na educação básica, etapa em que a relação entre professor e aluno e entre os próprios alunos é fundamental para se dar a aprendizagem. Aliás, as salas de aula são comunidades de aprendizagem e isso, esse espaço, não pode se perder para todas as disciplinas, porque não é possível ordenar sobre qual é mais ou menos importante”. “Com a EaD, a desigualdade que já

existe no Brasil e é gravíssima, vai aumentar ainda mais, porque os alunos das classes mais favorecidas e moradores das cidades mais estruturadas, dos grandes centros, das capitais, vão ter uma educação presencial com melhor qualidade e para as regiões remotas, EaD. Isso significa que a gente vai aprofundar desigualdade no acesso à educação”, prosseguiu.

Outra preocupação no cenário educacional consiste na perspectiva assumida pelo futuro presidente e seu grupo político, que defende o projeto “Escola sem Partido”, o qual pressupõe que há um jeito ‘neutro’ de se ensinar. Contrário aos consensos mais recentes nas áreas que estudam linguagem, educação e sociedade, tal projeto é apresentado como se na vida social e política, numa sociedade plural e democrática, a diferença não existisse. A respeito disso, Heleno Araújo, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Educação (CNTE), em fala recente à Agência Pública, pondera que “legitimado pelo voto, Jair Bolsonaro tornou-se um perigo para a educação livre. Ele vai querer usar os instrumentos do Estado para subverter ideias e tentar mudar a história. Não tenho dúvida que vão fazer uma triagem no sistema educacional para selecionar o que interessa. Os livros que falarem o que foi realmente a ditadura não serão aprovados. Assim, tentarão fazer o descarte do que não interessa ao novo sistema para colocar no lugar o que querem a direita e o militarismo”. Ainda a esse respeito, também em entrevista à Agência Pública, o senador Cristovam Buarque (PPS-DF), professor e referência do mundo acadêmico na área da educação, faz a seguinte provocação: “Eles querem escola de um partido só, onde prevaleça a vontade deles. Não querem que se diga que houve ditadura, tortura, mortes, banimentos. Tem gente dizendo até que nunca teve escravidão no Brasil e que os africanos que aqui chegaram compraram passagens para viajar nos navios negreiros”.

Outro ponto que merece destaque, além de assustador, é o tratamento de grupos minoritários

tais como negros e LGBTIQ, por exemplo, que vem sendo evidenciado por pessoas de relevância e com poder nesse novo governo. Alguns exemplos de falas presentes nas campanhas eleitorais e, ao longo do anos, nas manifestações públicas de alguns desses políticos podem ser facilmente encontradas na internet e podem nos chamar a atenção para um ponto. É de se perguntar como ficará a política pública de cotas, a discussão de temáticas relativas à sexualidade humana e à liberdade de cada um viver em público sua orientação sexual. São questionamentos que ninguém cala.

Nesses poucos quesitos aqui levantados, as perspectivas não parecem animadoras, principalmente para as pessoas que moram no campo e que, com isso, já carregam, na sociedade, um estigma social. Vale lembrar, afinal, que ao longo da campanha de Jair Bolsonaro, bem como em outras falas públicas de sua autoria, há claras manifestações de preconceito contra sujeitos deste grupo.

REFERENCIA:

BRASIL; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

CALDART, Roseli S. A educação do campo e a perspectiva de transformação da Forma Escolar. In: MUNARIM, Antônio et al. (orgs.). **Educação do campo: Reflexões e Perspectivas**. Florianópolis: Editora Insular, 2010.

1ª FEIRA CULTURAL DA COMUNIDADE PRATINHA ENCERRARÁ O ANO UNINDO CULTURA E TRADIÇÃO

por Mateus Felipe Oliveira.

A 1º Feira Cultural da Comunidade da Pratinha, município de Ataléia-MG, busca ser o mais novo atrativo cultural da localidade. A ser realizada no dia 29 de Dezembro de 2018, às 16 horas, no Galpão da Sede da Associação da Comunidade, o intuito da feira é fomentar a identidade e valores culturais da

região. Isso, além de propiciar lazer e arrecadar fundos para a Associação de Pequenos Produtores Rurais da Pratinha.



Fonte: Arquivo pessoal. Cartaz de exibição de barracas (2018).

Para tanto, o evento contará com várias barraquinhas. Elas comercializarão deliciosas comidas típicas, peças de artesanato e alguns produtos cultivados e produzidos na própria comunidade, como feijão, milho, banana, o doce da banana, queijo, requeijão e a cachaça. Teremos ainda o tradicional Vilão, que consiste em uma dança de pares que vão se entrelaçando ao som da viola e dos versos jogados pelos participantes e remete à cultura de celebração entre amigos. Tudo isso ao som do bom e velho forró, que acontecerá ao vivo com Vinícius Lima.

Segundo Maria Natiele, uma das organizadoras do evento e graduanda da Licenciatura em Educação do Campo (LEC-UFVJM), a feira visa ao lucro e à geração de renda para a comunidade. “Percebemos que em nossa comunidade temos uma rica diversidade de produção de alimentos que não tem sido comercializada e não tem recebido seu devido valor. Se um dos objetivos da educação do campo é que possamos criar mecanismos e recursos de permanecer nas nossas comunidade, este é o pontapé

inicial para o desenvolvimento social e a permanência do homem no campo. Afinal, se o campo não planta, a cidade não janta”. As expectativas entre os moradores também é grande. Seu Adalberto, por exemplo, diz que mal pode esperar pelo dia. Segundo ele, “a comunidade tem andado meio devagar com as comemorações tradicionais e essa feira é uma forma de reanimar e valorizar a nossa cultura e as nossas festividades”.

Quer saber como participar da festa? Entre em contato com: natyelesr@gmail.com

Atividades de Educação do Campo integram conhecimentos comunitários e científicos em Padre João Afonso – MG

por Isac Lopes , Magno Santos e Maurício T. Mendes

Nos dias 24 e 25 de outubro de 2018 a Escola Estadual de Padre João Afonso (EEPJA), município de Itamarandiba, foi sede das atividades de práticas de ensino dos estudantes da Licenciatura em Educação do Campo (LEC), da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Seguindo a proposta da LEC de integrar conhecimento científico com os conhecimentos produzidos na própria comunidade, as três atividades desenvolvidas, descritas a seguir, tiveram a interação entre escola, comunidade e universidade.

A noite cultural

Na noite de 24 de outubro, a abertura dos trabalhos da prática de ensino se deu com a 'TV Noite Cultural' da escola. O evento foi organizado pela professora Hemerenciana e em parceria com o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à

Docência), contando também com o auxílio de estudantes da escola e moradores da comunidade. A atividade reuniu apresentações artísticas de diversos gêneros, envolvendo artistas da própria região e também estudantes da LEC. Com público variado, indo desde crianças até pessoas com mais de 90 anos, as apresentações artísticas foram multietárias.

O início foi marcado por uma mística organizada por parte dos universitários, trazendo diversos temas como: diferenças de gêneros, diversidade, desigualdade social, moradia, tragédias ambientais como o rompimento da barragem em Mariana-MG, bullying, imigração etc. Além de serem oferecidas algumas comidas comumente preparadas no povoado como cuscuz, queijo, bolo de mandioca, bolo de fubá houve também exposição de artesanatos locais como pilão, colher de madeira, gamelas, tricô, bordado, entre outros.

Entre as apresentações, destacou-se a do grupo de Folia do Divino, existente há mais de 70 anos e que, segundo seus integrantes, precisa da participação de jovens para que a tradição não acabe. Ainda tivemos a presença de Gleison Duarte, um cantor da região; apresentações de paródias e poesias que marcaram a defesa da democracia e a luta contra discriminações e injustiças no país; apresentação de danças e uma exibição de taekwondo feita por estudantes da Educação Integral. Outro destaque foi a participação de uma estudante da EJA vinculada ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais, pautando a importância da participação das mulheres nos diversos espaços políticos.

Prática de Ensino

Na tarde do dia 25 de outubro, os discentes da LEC foram os facilitadores de várias atividades que envolveram os estudantes dos anos finais e iniciais do Ensino Fundamental da EEPJA. As atividades realizadas foram multidisciplinares e mobilizaram diversos conteúdos, acadêmicos e não acadêmicos. Houve oficinas de jogos matemáticos e geométricos, oficinas de facilitação gráfica e ainda outras atividades com diferentes metodologias de ensino-aprendizagem que envolveram o uso de aplicativos e softwares para computadores, despertando um olhar diferente ao uso das novas tecnologias em sala de aula. Também houve espaços de discussão sobre usos de tecnologia e sobre ervas medicinais, temas de relevância no contexto da comunidade. Para uma maior integração e sistematização dos conhecimentos mobilizados e dos processos vividos em cada uma das atividades, já que elas foram realizadas por grupos diferentes, ao fim os estudantes da comunidade se reuniram no pátio da escola com os licenciandos da LEC para uma colocação em comum.

Seminário de educação do campo

Na noite do dia 25/10/18 aconteceu o 3º Seminário em Educação do Campo da Comunidade de Padre João Afonso que teve como tema "Pedagogia da Alternância e contextualizada em uma escola pública do campo: possibilidades e desafios". O evento foi organizado pela EEPJA e pelos estudantes da LEC como atividade de encerramento das práticas de ensino para o semestre.

O seminário contou com uma mesa redonda com o diretor da escola, Cristiano Fernandes, um morador da comunidade que estudou na Escola Família

Agrícola de Veredinha (EFAV), Johny Oliveira, e os professores da UFVJM, Carlos Castro e Geison de Almeida, que discutiram sobre a pedagogia da alternância e também sobre a educação contextualizada no campo. O diretor abordou a necessidade de uma escola que dialogue com a realidade do estudante, além de descrever dificuldades estruturais da escola e desafios políticos que a gestão busca transcender a fim de tornar a instituição um espaço educativo mais efetivo. Nesse sentido, mencionou a necessidade de se alterar o calendário escolar local, prática legalmente prevista na Educação do Campo, principalmente para evitar que os estudantes percam aulas nas épocas de chuva. O professor Carlos falou sobre a pedagogia da alternância, explicou o funcionamento da Licenciatura em Educação do Campo e esforços empenhados pela instituição para propor uma educação que se comunique com os contextos dos sujeitos que a acessam e, sobretudo, para garantir que a educação resulte em melhorias para as comunidades.

Já Johny falou um pouco sobre a Escola Família Agrícola (EFA) onde estudava, explicou sobre como era o funcionamento das aulas nesse tipo de escola e seus objetivos. Dentro disso, enfatizou o modo como a prática educativa era necessariamente contextualizada e narrou as lutas que a escola enfrenta tanto para sobreviver como também para captar recursos a fim de aperfeiçoar seus serviços. Tivemos também uma participação, por vídeo, de uma das professoras da EFAV, a Neltinha Oliveira, que cursa o último semestre na Licenciatura em Educação do Campo. Em sua participação, a

professora buscou apresentar o modelo de uma EFA, o que dialogou diretamente com a fala anterior. Na perspectiva de professora, ela detalhou atividades que são desenvolvidas e também falou sobre os princípios e a história das EFAs no Brasil e em Minas Gerais. Ao final, o público do seminário se dividiu em três grupos para discutir a educação do campo. Como metodologia, os grupos debateram subtemas elaborados pelo professor Geison a partir das falas da mesa redonda. Os participantes dos grupos trouxeram seus olhares sobre si mesmos enquanto sujeitos do campo, bem como sobre a importância de se pensar em uma educação contextualizada com a vida campesina. Dessa discussão, elaboraram pequenas sínteses que, ao fim, foram compartilhadas em um momento de discussão com todos os participantes do evento no pátio da escola, espaço central do debate.

MUDANÇA E VARIAÇÃO NO PORTUGUÊS DO BRASIL SÃO TEMAS DE ESTUDO EM ESCOLA DO CAMPO DE VEREDINHA-MG

por Neltinha Oliveira dos Santos

Vamos conversar um pouco sobre a nossa Língua Portuguesa Brasileira? Já parou para pensar na diversidade de falares que a nossa língua possui? Já parou para pensar que quando falamos não utilizamos, de fato, todas as regras e recursos que compõem a chamada língua padrão? Analisando esses aspectos, a Escola Família Agrícola de Veredinha promoveu alguns debates e reflexões

sobre mudança e variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa, nas turmas do 1º Ano do Ensino Médio. Os conteúdos propostos que favoreceram as discussões foram a História da Língua Portuguesa e a Fonética e a Fonologia.

No processo de estudar a história da nossa língua, perceberam-se as drásticas mudanças ocorridas em diversas palavras ao longo do tempo. Um dos exemplos estudados foi a palavra "você", a qual passou por um contínuo processo de transformações. No início era "vossa mercê", depois "vossemecê", "vosmecê", "vancê". Contudo, o mais interessante nessa história toda foi o aprendizado de que não há nenhum problema no fato de a língua mudar - e, entre outros, quem nos recorda disso é o linguista Sírío Possenti. Segundo ele, "[...] não há língua que permaneça uniforme. Todas as línguas mudam".

Já no estudo da fonética e da fonologia, ressaltando que os estudantes são oriundos de diferentes comunidades, foi possível perceber a diversidade linguística presente no próprio espaço da sala de aula. Acima de tudo, eles atentaram para o fato de que nas diferenças linguísticas estão marcadas, também, diferenças identitárias e históricas. E isso corroborou com considerações já realizadas de Calvet sobre as relações entre variações e mudanças na língua e questões sociais. Ressalta-se, nesse sentido, o entendimento do autor de que "[...] as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de um língua é a história de seus falantes".

Ao investigarem algumas mudanças ocorridas na fala e que refletem no processo da escrita, os estudantes foram percebendo a sonoridade das letras e, na composição das sílabas, notaram que

determinados fonemas são poucos perceptíveis ou mesmo ausentes na fala cotidiana. Alguns exemplos destacados foram as ditas semivogais, em alguns contextos linguísticos, e também alguns dígrafos. O contraste percebido em palavras como ameixa ('amexa') / e agulha ('aguia') / trouxe a reflexão de que, algumas vezes, uma grafia incorreta explica-se pela baixa frequência, ou mesmo ausência, na fala cotidiana, de alguns sons que costumamos atribuir a certas letras. Escrever 'aguia', nesse sentido, seria tentar transpor em letras todos os sons que, muitas vezes, são, de fato, ouvidos cotidianamente pelo estudante na pronúncia da palavra 'agulha'.

O momento de estudo proporcionou uma aproximação carinhosa com os falares dos avós e dos bisavós e a percepção de diferentes formas de apropriação da língua. Apropria-se da língua tanto somente pela audição, nas mais diversas práticas diárias com a linguagem, quanto se apropria também pelo processo da escrita, que possui regras específicas. Isso, entre outras possibilidades. Levou-se, também, à discussão do preconceito linguístico sofrido pelas populações camponesas.

Os estudantes pesquisaram algumas palavras nas comunidades e fizeram uma troca de experiências em sala de aula, no sentido de explicitar os sentidos atribuídos a variados termos em cada comunidade. Constam no site algumas dessas palavras: <https://www.olharesdocampo.org/l/mudanca-e-variacao-no-portugues-do-brasil-sao-temas-de-estudo-em-escola-do-campo-de-veredinha-mg/>.

Dentro disso, pôde-se perceber no processo que o ensino da Língua Portuguesa é algo amplo e que não deve se restringir às regras gramaticais. As relações

identitárias passam pelo uso da língua e compreendê-la dentro dessa amplitude é fundamental. A boa escrita de um texto, antes de tudo, revela o entendimento do mundo e da realidade.

REFERÊNCIAS:

CALVET, Louis-Jean. Sociolinguística: uma introdução crítica. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002;

POSSENTI, Sírio. Por que (não) ensinar gramática na escola. Mercado de Letras, 1996;

VOCÊ. [S.l.: s.n.], 2018. 1 p. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Voc%C3%AA>>. Acesso em: 18 set. 2018.

OPINIÃO

É IMPORTANTE FALAR DO CAMPO?

por Mayan Maharishi

Ao olharmos de relance, a pergunta que o título traz pode parecer simples. No fim das contas, porém, faz com que a gente tenha que colocar em discussão várias outras questões nem tão fáceis assim de se responder. Quando pensamos em falar sobre o campo, refletimos também a respeito de que campo estamos falando? Você, que vive uma realidade camponesa ou não, fala sobre o campo no seu dia a dia? E o que fala? Você fala ou ouve dizer? O que estamos ouvindo sobre o campo? Chegamos a ler ou escrever algo sobre o campo como esse local em que cotidianamente vivemos?

O desafio de pensar na importância de se falar sobre o campo é que, justamente, os Campos são muitos! No nosso dia-a-dia, o que é o campo para nós vai depender de onde somos e onde vivemos. Independente dessa relação direta, também temos as

narrativas que circulam sobre o campo e sua importância. Não importa de onde se é ou onde se vive, certamente você foi atingido por alguma dessas narrativas.

Se pensarmos nas narrativas cotidianas com que temos contato, de maneira geral, podemos pensar em como elas nos chegam. Provavelmente iremos nos lembrar dos os meios de produção de mídia – jornais, revistas, programas televisivos – em nível nacional, regional e local, por exemplo, bem como nas pessoas que estão a nossa volta e que nos contam coisas. Abrindo uma revista de viagens, o discurso que encontro normalmente é aquele campo bucólico, paradisíaco de coisas boas e bonitas; se ligarmos a tv durante a semana, há a chance de vermos algo sobre assistência técnica, leilão de gado. No noticiário, comum é ter notícias de alguma mazela ou descaso, raras vezes algo positivo ou próximo ao cotidiano vivenciado. Na literatura, há uma diversidade de formas de abordar o campo. Essas formas vão desde a estigmatização do campo em detrimento da cidade, chegando à sua supervalorização enquanto lugar romantizado de calmaria. Na música não é diferente. Nas mídias sindicais veremos o campo muitas vezes como resistência expressiva. Nas produções escolares também há algo ambíguo entre o que chega no campo e o que é produzido no campo enquanto cultura, pensamento etc. Temos várias realidades. Observando o que se produz de informação e quem produz, em que momento são pessoas do campo ou no campo que produzem o que chega até nós?

Eu sei como a mídia trata, como a revista trata, como a literatura trata, mas como as pessoas tratam o campo? As narrativas cotidianas das pessoas que vivem no campo estão contempladas nesses espaços de fala? Nós devemos saber e podemos pensar como nos colocamos como parte disso também. Nesse contexto de várias perspectivas e disputas - sobre o que é o campo e quem fala ou pode falar sobre ele - é que vejo o potencial das narrativas cotidianas para abarcar, a partir do que ocorre no dia-a-dia, temas como diversidade, identidade cultural e diferentes espaços e modos de vida na sociedade. Nessas narrativas, quem vive nesses espaços fala de si. A internet e outros meios de comunicação, que impulsionam a espaços de difusão, permitem que cada vez mais pessoas sejam produtoras de informações e narrativas digitais. Mas a principal, mais antiga narrativa, a qual todos temos e está a nosso alcance todos os dias, somos nós mesmos!

É muito importante produzirmos narrativas a partir das vivências e lugares, pois constituímos memórias individuais e coletivas paralelamente. Se, enquanto sujeitos que vivem esses territórios cotidianamente, nós não o narrarmos também, fazendo nossas escolhas, e não usarmos nossa perspectiva que parte do campo, o alcance de compreensão sobre o que é o campo ficará reduzido, deixando ignorados aspectos desse espaço enquanto cotidiano, enquanto vida ativa. Eu posso olhar pra minha janela e falar de muita coisa: o plantio diversificado que está aqui; a chuva que cai e enche o rio; o som do rio forte quando chove; posso falar do verde bonito; da obra

que acontece ao lado; pensar no que acontece na comunidade; falar do forró; do vizinho que coloca música alta no domingo; de política; da paradeira do lugar; do asfalto que parou; do caso que ouvi na venda; do agito do final de semana; das iniciativas legais; da excursão que a escola fez; do moço que brigou; do encontro que teve aqui; das potencialidades locais; da reunião que vai ter; enfim, são tantas possibilidades... Imaginem se sempre o que for para fora, para os outros, for sempre na mesma perspectiva, e não for também gerado por quem realmente está no campo? Vai ser muito reducionista e pouco diverso, então falem do campo. Sem dúvida o campo precisa ser narrado, narrativas do campo, no campo, para o campo!

Por fim, é claro existem narrativas sendo produzidas sobre campo, para o campo e no campo. O que temos que estar mais atentos é de pensar onde elas estão. Este espaço é uma dessas iniciativas, mas existem muitas, podem procurar que vão encontrar muita coisa interessante! O incentivo que quero dar neste texto é para que os próprios camponeses, camponesas e viventes do campo coloquem o campo em pauta, seja na prosa seja no lápis, no caso ou na escola, no chão de terra, nos encontros, no caderninho, na rádio, em casa ou no autofalante da comunidade...

E aí termino te perguntando, ao invés de responder: para você, por que é importante falar do campo?

PS: Paradeira - período de tempo mais longo sem acontecer muita coisa, local parado, sem movimentação

NO CAMPO DA CIÊNCIAS

A UMIDADE RELATIVA DO AR

por Tálita Tamires Teles Evangelista e Luciano Soares Pedroso.

A partir do que estudou na LEC a aluna Tálita conseguiu calcular a umidade relativa do ar presente na sua comunidade utilizando apenas uma caneca de metal, um termômetro, água e gelo picado. Você também pode aprender a fazer isso e usar esse conhecimento para melhorar a saúde das pessoas que moram na sua comunidade!

Você já observou que ao colocarmos algum líquido gelado em um copo ele fica “suado” pelo lado de fora? Você sabia que esse fato está relacionado às informações sobre a umidade relativa do ar que assistimos todos os dias nos noticiários? E você sabia que a umidade relativa do ar tem consequências importantes para a nossa saúde?

A umidade relativa do ar é a relação entre a quantidade de água existente no ar (umidade absoluta) e a quantidade máxima que poderia haver nele – e isso depende da temperatura do ambiente. Quanto mais quente, mais expandida fica a molécula de ar e mais água cabe nele. Portanto, se a umidade absoluta está baixa, devido à presença de uma massa de ar seco, e a temperatura está muito alta, a umidade relativa do ar fica muito baixa.

Em regiões onde a umidade relativa do ar se mantém muito baixa por longos períodos as chuvas são escassas. Isso caracteriza uma região de clima seco como, por exemplo, o Norte de Minas Gerais. Por outro lado, a atmosfera com umidade do ar muito alta é um fator que favorece a ocorrência de chuva. Quem mora, por exemplo, em Manaus sabe bem disso. Com clima úmido, na capital amazonense o tempo é frequentemente chuvoso.

Mas é importante saber que, de acordo com a Organização Mundial da Saúde, valores de umidade abaixo de 20% oferecem risco à saúde, sendo recomendável a suspensão de atividades físicas, principalmente das 10:00h às 15:00h. A baixa umidade do ar, entre outras coisas, pode provocar sangramento nasal em função do ressecamento das mucosas. Porém, também é comum as pessoas não se sentirem bem em dias quentes e em lugares com umidade do ar elevada. Isso acontece porque, com o ar saturado de vapor de água, a evaporação do suor do corpo se torna difícil, inibindo a perda de calor. E nosso corpo se refresca quando o suor que eliminamos evapora, retirando calor da pele.

Agora que você aprendeu um pouco mais sobre o que é a umidade relativa do ar e sobre como ela impacta nossa saúde, que tal aprender como calculá-la e levar esse conhecimento para sua comunidade?

Para aprender a medir a umidade relativa do ar acesse esta página do site do Olhares do Campo:

1 - Endereço da matéria completa no site.

Para conhecer um pouco mais sobre o experimento



(a)

realizado pelos estudantes da LEC em suas comunidades acesse:

2 - <https://www.youtube.com/watch?v=SReGTCdrliI&feature=youtu.be>

Para conhecer um pouco mais sobre a umidade relativa do ar acesse:

3 - <https://www.youtube.com/watch?v=juyWq0Tc318>

Medição da umidade relativa do ar realizada na Comunidade Quilombola Carneiro utilizando apenas uma caneca de metal, um termômetro, água e gelo picado.



1 -



2 -

3 -

FIQUE POR DENTRO

Olhares do Campo é um laboratório de comunicação comunitária vinculado à Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM – por meio de aprovação no edital PROAE 10/2018. O projeto visa à produção de textos jornalísticos por e para comunidades campesinas. Você também pode colaborar! Quer saber como apoiar? Entre em contato pelo endereço eletrônico: olharesdocampo@gmail.com

'Olhares do Campo' - 2ª Edição-Dezembro/2018

Edição Geral: Luiz Henrique Magnani, Mateus F. Oliveira, Maurício T. Mendes, Tatiane Rodrigues.

Edição da seção 'No Campo das Ciências': Diogo N. Pereira

Revisão: Carlos Henrique S. Castro, Geison B. Silva, Luiz Henrique Magnani

Consultoria jornalística: Roger Pereira



<https://www.facebook.com/olharesdocampo/>